

D' COSTA, Gavin. **Theology in the public square**. Church, Academy and Nation. Oxford: Blackwell Publishing, 2005. 247p.

(Teologia na praça pública. Igreja, academia e nação)

João Batista Libanio*

O autor é um católico-romano, professor de Teologia Cristã e Chefe do Departamento de Teologia e Ciências da Religião na Universidade de Bristol. Conselheiro para a Igreja da Inglaterra, para a Conferência dos Bispos Católicos e para o Vaticano em assuntos referentes às outras religiões. Esteve lecionando Teologia das Religiões por 22 anos. Aqui reflete sobre o trabalho intelectual no contexto institucional de uma Universidade. Quer oferecer contribuição para o futuro da universidade na cultura anglo-americana. Dirige-se a quem ensina e estuda teologia ou ciências da religião em vista de prestar serviço à Igreja, ao mundo secular e à cultura inter-religiosa. Articula três sujeitos: Igreja, universidade e “praça pública”.

Usa a metáfora do povo de Israel para estudar a situação da teologia. Num primeiro momento, analisa o cativeiro da teologia na Babilônia da Universidade moderna. Depois descreve a Babilônia dentro da Igreja em relação à realidade dos EUA e da Inglaterra. Num terceiro momento, relata a volta do povo por decreto de Ciro, o persa, a fim de reconstruir o Templo. Pergunta-se, então, porque os teólogos devem rezar pela libertação do exílio. E os dois últimos capítulos abordam o compromisso da teologia naquilo que ela tem de específico, que é a sua virtude de tocar teologicamente as ciências da religião. Finalmente, trata do matrimônio entre a teologia e as disciplinas, explorando as fronteiras e mostrando que a teologia é princípio de unificação. O epílogo

* Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma; professor de Teologia Fundamental no Programa de Pós-graduação da FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte); membro do Núcleo de Estudos em Teologia da PUC Minas.

fecha a reflexão sobre a teologia como serviço da Igreja no coração da universidade cristã, proclamando a Palavra para o mundo.

É um livro que visa diretamente às universidades confessionais dos EUA e da Inglaterra no contexto da história da Universidade, na atual situação secularizada e nas possibilidades que elas ainda têm de prestar um serviço à Igreja e à sociedade secular.

Começa estudando como a universidade e a teologia se secularizaram, referindo-se à Inglaterra e aos EUA com duas conseqüências. Uma foi o nascimento e desenvolvimento do conjunto das ciências das religiões, verdadeiro filho da forma secularizada da teologia. Vale também o contrário: a teologização de uma disciplina (ciências da religião) que devia propriamente servir à teologia. A segunda é a fragmentação das disciplinas em verdadeira oferta consumista, refletindo o contexto saxônico. Tais matérias têm dificuldade de justificar-se em termos educacionais e financeiros. A teologia não ajuda a ser bom economista ou enfermeiro ou chofer de ônibus. Ela tem a função da idéia primigênia da sua presença na nascente universidade medieval de ser princípio de unificação. Isso será assunto de um capítulo do livro. Defende a teoria de que o melhor serviço da teologia numa sociedade secular é ser teologia, sendo capaz de articular uma visão que desafia e abraça a modernidade. Esta é a sua virtude.

O segundo capítulo com o título metafórico de “Babilônia na Igreja” reproduz os comentários pessoais do autor sobre o estado da universidade moderna nos EUA e na Inglaterra. Apesar de sinais de luz, ele cartografa o desaparecimento da luz por causa da crescente secularização de muitas instituições confessionais. Na Inglaterra é diferente porque não existem grandes universidades cristãs nem mesmo de nome, mas a sua história segue o modelo semelhante das instituições altamente confessionais que se tornaram universidades seculares.

Continuando a metáfora – *Ciro* permite a volta do povo e a reconstrução do Templo –, defende que a modernidade liberal é desafiada pela pluralidade religiosa e pela diversidade na sociedade e que a teologia responde bem a tais desafios, ao ajudar as comunidades religiosas a aprenderem e a praticarem fielmente suas tradições. No campo intelectual, cabe construir universidades “sectárias” no sentido de confessional desde que se engajem no bem comum e em diálogo com outras tradições. O A. refuta os argumentos contra a confessionalidade das universidades numa sociedade moderna secular, especialmente quando são financiadas pelo Estado. Pois a validade de teólogos na universidade católica não difere das outras profissões e disciplinas. Está em questão a liberdade acadêmica.

Um capítulo é dedicado ao aspecto distintivo da universidade confessional cristã. Deixa os argumentos meramente racionais na suposição de que o leitor esteja de acordo com o seu projeto básico. De dentro do modelo de uma universidade católica quer mostrar, em três capítulos, como as coisas podem ser diferentes do modelo secular. Há possibilidades a serem concretizadas pelas comunidades eclesiais nas sociedades democráticas, como espaço de oração. Algo pouco imaginado como metodologia de uma disciplina acadêmica. E o A. vê na oração pressuposto epistemológico para fazer teologia e para obrigar a rever-lhe as linhas tradicionais.

Outro capítulo debruça-se sobre a teologização das ciências da religião. Exemplifica tal capítulo com a vida de Edith Stein e de uma sati hindu moderna que se sacrificou pelos pecados de outros.

No sexto capítulo, relaciona a visão teológica com outras disciplinas – o A. escolhe física e cosmologia – para ver se a fragmentação pode ser superada.

É um livro que traz intuições sugestivas sobre a natureza da teologia, sua presença nas universidades confessionais numa sociedade secularizada. O interesse restringe-se especialmente ao universo acadêmico anglo-saxônico dos EUA e da Inglaterra a que se dirige.